

31-01-2012 - Entrevista coletiva concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após visita ao Memorial José Martí - Havana/Cuba

A presidenta citou os investimentos brasileiros em Cuba

Havana-Cuba, 31 de janeiro de 2012

Jornalista: Bom dia, Presidente. Bom dia.

Presidenta: Vamos fazer assim: um quebra-queixo, pode ser levinho? Então, um quebra-queixo levinho.

Jornalista: Presidente.

Presidenta: Calma, três perguntas, quebra-queixo levinho, não é? Levinho.

Jornalista: Levinho. Então, vamos começar falando dos Direitos Humanos.

Presidenta: Nós vamos começar a falar de Direitos Humanos em todo o mundo?

Jornalista: Vamos, vamos.

Presidenta: De todo o mundo?

Jornalista: Não, não, é só para a gente...

Presidenta: Pois é. Nós começaremos a falar de Direitos Humanos no Brasil...

Jornalista: Como o Brasil (incompreensível) essa abertura econômica?

Presidenta: No Brasil. Nós vamos começar a falar de Direitos Humanos nos Estados Unidos, a respeito de uma base, aqui, chamada Guantánamo. Vamos falar de Direitos Humanos em todos os lugares.

Então, eu prefiro falar de outra coisa, eu prefiro falar de uma coisa que é muito importante, que é o fato de que o mundo precisa se comprometer em geral. E não é possível fazer da política de Direitos Humanos só uma arma de combate político-ideológico. O mundo precisa se convencer de que é algo que todos os países do mundo tem de se responsabilizar, inclusive o nosso. Quem atira a primeira pedra tem telhado de vidro. Nós, no Brasil, temos os nossos.

Então, eu concordo em falar de Direitos Humanos dentro de uma perspectiva multilateral. Acho que esse é um compromisso de todos os povos civilizados. Há, necessariamente, muitos aspectos a serem considerados.

Agora, de fato, é algo que nós temos de melhorar no mundo, de uma maneira geral. Nós não

podemos achar que Direitos Humanos é uma pedra que você joga só de um lado para o outro. Ela serve para nós também. Bom...

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: A senhora vai interceder a favor da blogueira Yoani Sánchez (incompreensível) do Brasil?

Presidenta: Olha, eu dei, o Brasil deu seu visto para a blogueira. Agora, os demais passos não são da competência do governo brasileiro.

Jornalista: Presidenta (incompreensível)

Presidenta: Calma, calma, calma. Como o Brasil pode ajudar Cuba? Vamos discutir como o Brasil pode ajudar Cuba. A grande ajuda que o Brasil vai dar a Cuba é contribuir para que esse processo, que é um processo que eu não considero que leve a grande coisa, leva mais à pobreza e a problemas sério para as populações que sofrem a questão do bloqueio, a questão do embargo, a questão do impedimento do comércio. Eu sou a favor e o Brasil é a favor e, por isso, eu acho que é um compromisso de todos nós, brasileiros, que somos um povo pacífico. Eu acredito que a grande contribuição que nós podemos dar, aqui em Cuba, é ajudar a desenvolver todo o processo econômico.

Primeiro, o Brasil, hoje, participa, aqui em Cuba, de várias iniciativas que eu considero importantes: a primeira, que é uma política de alimentos. É impossível se considerar que é correto o bloqueio de alimentos para um povo. Então, nós participamos aqui, financiando, através de um crédito rotativo, US\$ 400 milhões de compra de alimentos no Brasil. Financiamos, também, através... aprovamos esse financiamento através do Programa Mais Alimentos, que aí é de equipamentos, máquinas, pequenos tratores, colheitadeiras para estimular aqui a própria produção de alimentos, aqui em Cuba, através de 200 milhões de crédito, sendo que 70 milhões a Camex aprovou recentemente.

E acho que também uma grande contribuição na construção do Porto de Mariel, que não é só um porto. O Porto de Mariel, ele é, de fato, um sistema logístico de exportação de bens produzidos aqui em Cuba, no valor de... o Porto de Mariel, no total, tem um pouco mais de US\$ 900 milhões, dos quais nós contribuímos com algo como 640 e poucos milhões de dólares também. Por que nós achamos importante participar do Porto de Mariel? Porque nós achamos que é fundamental que se crie, aqui, condições de sustentabilidade para o desenvolvimento do povo cubano.

E nós participamos, não só construindo o Porto, mas também trazendo para cá uma cooperação que eu considero estratégica para o Brasil e para Cuba. É o tipo da cooperação em que todo mundo ganha. Quem ganha? Ganha o Brasil, por fazer uma cooperação com um país e um povo e toda uma estrutura institucional que é visivelmente competente, capaz na área de biotecnologia, na área das ciências médicas e com uma grande competência para todas as questões ligadas à biotecnologia. Então, o Brasil ganha com isso. Ganha Cuba também porque é uma parceria em que o Brasil entra também com os seus conhecimentos nessa área, suas empresas privadas, que também implicam em uma capacidade tecnológica do nosso país, e nós queremos uma parceria estratégica e duradoura. Nós estamos fazendo aqui uma parceria com essas... através desses projetos, que eu acredito que vai levar, para o Brasil e para Cuba, um processo de desenvolvimento.

Então, acredito que é isso o que nós estamos fazendo isso aqui no Brasil... em Cuba... que o Brasil está fazendo aqui em Cuba.

Jornalista: Presidenta...

Presidenta: É essa a contribuição.

Jornalista: A senhora começou o ano indo ao Fórum Social e agora vem a Cuba. São gestos políticos mais à esquerda. Por que a senhora fez isso aqui?

Presidenta: Olha, eu acho o seguinte. Eu acho interessante a forma como a mídia analisa meus atos. Posso te dizer uma coisa? Eu fico estarelecida com esse tipo de pergunta, estarelecida, porque significa que no ano passado eu fui à União Europeia, recebi os Estados Unidos, depois onde mais que eu fui? Bom, eu andei para danar. Fui ao G-20, fui para a Argentina, e como é que a gente interpretaria o ano passado? O Brasil faz política internacional com todos os países. Nós somos um povo absolutamente pacífico, acreditamos no diálogo e achamos que é fundamental também dialogar com os movimentos sociais. Não acredito, nem para nós, internamente, que as práticas violentas de tratamento dos movimentos sociais se justificam. Nem tampouco nós acreditamos que a guerra, e o conflito, e o confronto levem a grandes resultados. Nós temos uma política, claramente, de conversa com todo o mundo sem nenhum preconceito, de nenhuma ordem. Agora, somos contra a violência, e isso tem sido a característica, e eu acho que não é só do meu governo, não é só do governo do presidente Lula. Acho que é uma certa característica do Brasil ter 140 anos – e nós temos que ter orgulho disso – de paz com todos os nossos vizinhos no mundo, com conflitos regionais sistemáticos. Então, eu tenho imenso orgulho, primeiro, de estar aqui em Cuba; segundo, de ter ido ao Fórum Social Mundial; terceiro, de ter ido ao G-20, no ano passado, de ter conversado com o Presidente dos Estados Unidos, com o presidente Hu Jintao, com o presidente Medvedev, com o presidente [primeiro-ministro] Singh, ter ido na África do Sul e conversado com todos os líderes. É minha obrigação, como Presidente, estabelecer uma posição do Brasil que, além de manifestar o crescente poder econômico que o Brasil tem tido e reconhecido internacionalmente, também mostra essa disposição do Brasil de diálogo, de parcerias construtivas e de parcerias pacíficas.

Aqui em Cuba, nós queremos uma grande parceria com o governo cubano e o povo cubano, no sentido de auxiliar todos os processos de desenvolvimento e de garantia de uma condição de desenvolvimento e de vida melhor. Esta é uma região na qual nós estamos presentes, não é? Nós atuamos na América Latina toda, no Caribe e na América Central. É a nossa região aqui e, inclusive, nós temos mais obrigação do que nas outras regiões. É aqui e na África, eu acho, que o Brasil tem obrigação de ter uma política desce de cooperação econômica. Não uma política que só olhe o seu interesse, mas seja capaz de construir, com o seu interesse, o interesse do outro povo. Eu acho que essa é a novidade da nossa presença internacional.

Jornalista: (incompreensível) la Celac? La Celac, Presidenta?

Presidenta: La Celac, la Celac. A Celac foi uma reunião... Aliás, muito bem lembrado. Uma outra reunião, assim, interessante, foi a da Celac, foi toda essa América que é a partir do México até a Patagônia argentina, estavam todos os presidentes, primeiros-ministros ou altos representantes nessa reunião, que eu acho que foi no final do ano. Muitas vezes, a imprensa não deu, assim, tanta importância, mas para mim foi uma das mais importantes feitas aqui na região, naquele período.

Jornalista: Presidente, como é que fica a situação do ministro Negromonte agora?

Presidenta: Olha, as questões relativas ao Brasil - eu já disse isso para vocês anteriormente – vocês são insistentes, eu sei.

Jornalista: Ai da gente se não perguntar, não é?

Presidenta:... insistentes, inteligentes e rápidos, rápidos. Então, as questões relativas ao Brasil nós discutimos no Brasil, a partir de quinta-feira.

Jornalista: (incompreensível) aumentar o investimento e a (incompreensível)

Jornalista: A senhora vai encontrar com o Fidel Castro?

Presidenta: Sim, com muito orgulho, eu vou.

Jornalista: (incompreensível)

Jornalista: Obrigada.

▣
Ouça a íntegra da [entrevista \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-entrevista-coletiva-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-visita-ao-memorial-jose-marti-havana-cuba-11min27s-1\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-entrevista-coletiva-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-visita-ao-memorial-jose-marti-havana-cuba-11min27s-1) (11min26s) da Presidenta Dilma